



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Admissão 2017



1ª série

ensino médio

Língua Portuguesa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

CONCURSO DE ADMISSÃO À PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO - 2017

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÕES:

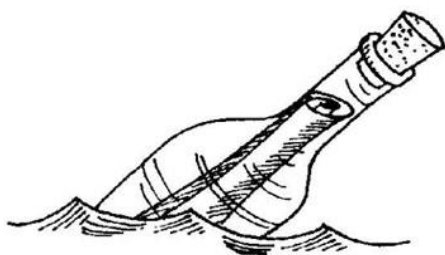
1. Você está recebendo dois cadernos; um contém textos e o outro, as questões da prova. Confira o número de textos (4) e de questões (9) de sua prova.
2. Registre em cada folha de resposta seu **número de inscrição**. Observe o local indicado para isso. Não escreva seu nome na prova, de modo algum.
3. Faça letra legível: o que não for entendido não será considerado.
4. Use caneta azul ou preta.
5. Não é permitido o uso de fita corretiva ou corretivo líquido.
6. Responda às questões sempre com suas próprias palavras, a menos que seja solicitada alguma transcrição do texto.
7. Não exceda o limite de linhas traçadas para cada questão.
8. Procure reler a prova antes de entregá-la.



S.O.S

O poema é uma garrafa de naufrago jogada ao mar.
Quem a encontra
Salva-se a si mesmo...

QUINTANA, Mário. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.





TEXTO I

MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, Rubem. *A traição das elegantes*. Editora Sabiá: Rio de Janeiro, 1967.

**Vocabulário:**

Enlutada – 1. coberta de luto; 2. *fig.* (fazer) sofrer grande tristeza; 3. *fig.* tornar-se escuro, nublado.



TEXTO II

BRINCADEIRAS

No quintal a gente gostava de brincar com palavras mais do que de bicicleta.

Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.

A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:

O céu tem três letras

5 O sol tem três letras

O inseto é maior.

O que parecia um despropósito

Para nós não era despropósito.

Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três

10 Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)

Meu irmão que era estudado falou que lógica que nada

Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.

Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo.

Depois Cipriano falou:

15 Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.

A dúvida era saber se Deus também avoava

Ou se Ele está em toda parte como a mãe ensinava.

Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no quintal, nosso amigo.

Ele obedecia à desordem.

20 Nisso apareceu meu avô.

Ele estava diferente e até jovial.

Contou-nos que tinha trocado o Ocaso dele por duas andorinhas.

A gente ficou admirado daquela troca.

Mas não chegamos a ver as andorinhas.

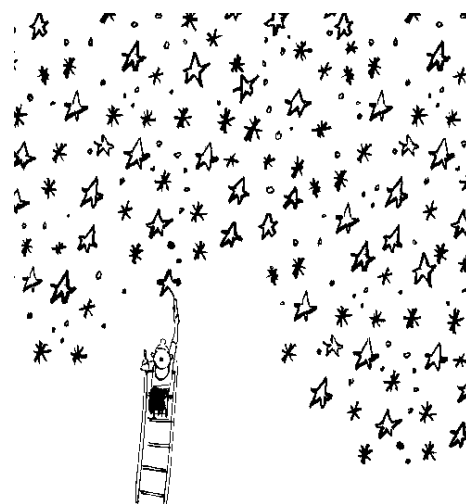
25 Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano.

Lá dentro só tinha árvore árvore árvore

Nenhuma ideia sequer.

Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas.

Isso era.



BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas – A infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

Vocabulário:

Boiar – 1. *Bras. Gíria*. não entender ou perceber algo.

Guató – 1. pertencente ao povo indígena que ocupa toda a região sudoeste do Mato Grosso.

Ocaso – 1. lado do horizonte onde o Sol se põe; oeste; 2. *fig.* Decadência.

Platônico – 1. relativo ao filósofo Platão ou ao seu pensamento; 2. *fig.* amor a distância, frequentemente secreto e idealizado.

Sofisma – 1. argumento ou raciocínio falso, mas com aparência de verdade.



TEXTO III



 Vocabulário:

La Clairvoyance – (*expressão em francês*) a clarividência.

Clarividência – 1. capacidade de pensar com clareza; 2. percepção extrassensorial; 3. Habilidade de ver com clareza aquilo que não é óbvio; sagacidade; perspicácia.

TEXTO IV

OS POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam voo

5 como de um alcapão.

Eles não têm pouso

nem porto

alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.

10 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

QUINTANA, Mário. **Esconderijos do tempo**.

Porto Alegre: L&PM, 1980